

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE CODÓ-CCCO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

ROSIMAR DA SILVA DA COSTA

ALFABETIZAÇÃO DE PESSOAS JOVENS, ADULTAS E IDOSAS: ESTUDO EM
UMA ESCOLA MUNICIPAL DE CODÓ/MA

CODÓ/MA

2025

ROSIMAR DA SILVA DA COSTA

**ALFABETIZAÇÃO DE PESSOAS JOVENS, ADULTAS E IDOSAS: ESTUDO EM
UMA ESCOLA MUNICIPAL DE CODÓ/MA**

Monografia Desenvolvida para o Curso de Licenciatura
em Pedagogia da Universidade Federal do
Maranhão/UFMA – Campus Codó, com objetivo de
alcançar o grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Kelly Almeida de Oliveira e
Coorientação: Prof. Me. Jhonatan Wendell Tavares Ferreira

CODÓ/MA
2025

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

da Silva da Costa, Rosimar.

ALFABETIZAÇÃO DE PESSOAS JOVENS, ADULTAS E IDOSAS :
estudo em uma Escola Municipal de Codó/MA / Rosimar da
Silva da Costa. - 2025.

46 p.

Coorientador(a) 1: Jhonatan Wendell Tavares Ferreira.

Orientador(a): Kelly Almeida de Oliveira.

Monografia (Graduação) - Curso de Pedagogia,
Universidade Federal do Maranhão, Codó/ma, 2025.

1. Alfabetização. 2. Ejai. 3. Estudo de Caso. 4.
Codó/ma. I. Almeida de Oliveira, Kelly. II. Wendell
Tavares Ferreira, Jhonatan. III. Título.

ROSIMAR DA SILVA DA COSTA

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer a Deus, pela a força e coragem que serviu de alicerce, permitindo atravessar os desafios e alcançar meus objetivos. Aos meus pais, Maria Das Dores, Aercio, pelo seu amor infinito, pelos conselhos e acolhimentos em momentos que pensei em desistir. o meu irmão Paulo Ricardo, pela ajuda nesse processo.

A minha orientadora, Profa. Dra. Kelly Almeida de Oliveira, pela paciência e carinho, cuidado, destinados a mim, e seus ensinamentos para com a minha pesquisa. O meu Coorientador, Prof. Me. Jhonatan Wendell Tavares Ferreira, por ter destinado o seu precioso tempo, com meu trabalho.

As minhas primas, Ana Alice e Ana Karla, que sempre me apoiaram, desde o início, pela ajuda,e ensinamentos, e que nunca soltaram a minha mão, obrigado por tanto.

A minha amiga, Carmem Célia, pela a força, e por me encorajar em momentos e medos, e sempre me apoiando, com suas palavras que iria dar tudo certo. À minha amiga Elivane, pela a sua generosidade em me oferecer carona, deixo registrada a minha gratidão. Às amigas e colegas de grupo de trabalho Juliana, Ana Tércia e Karine Evely, com quem atravessei momentos difíceis, e compartilhei momentos bons também.

Aos meus familiares, a minha avó Cecília, os meus padrinhos/madrinhas, M^a Das Mercê, M^a de Fátima, Osvaldo, os/as primos/as, Iranilde, Auricelia, Antônio Marcos, Iranilson, obrigado por estarem sempre junto a mim.

A todos os professores da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) Centro de Ciências de Codó - MA, que de alguma forma contribuíram, para com o meu processo de formação.

E a todas as estudantes e a professora, da modalidade educação de jovens, adultas e idosas, que contribuíram com a minha pesquisa.

ROSIMAR DA SILVA DA COSTA

**ALFABETIZAÇÃO DE PESSOAS JOVENS, ADULTAS E IDOSAS: ESTUDO EM
UMA ESCOLA MUNICIPAL DE CODÓ/MA**

Monografia Desenvolvida para o Curso de Licenciatura
em Pedagogia da Universidade Federal do
Maranhão/UFMA – Campus Codó, com objetivo de
alcançar o grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Kelly Almeida de Oliveira (UFMA)
Orientadora

Prof. Me. Jhonatan Wendell Tavares Ferreira (UPE)
Coorientador

Profª. Dra. Maria Evelta Santos de Oliveira
1º Avaliadora

Profª. Ma. Tercilia Maria da Cruz Silva
2º Avaliadora

RESUMO

O presente trabalho busca compreender como ocorre o processo de alfabetização de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (EJAI), em uma escola municipal de Codó/MA. Nosso objetivo é analisar as atividades de leitura e escrita desenvolvidas pela docente da turma, identificando as dificuldades de leitura e escrita enfrentadas pelos/as estudantes. A fundamentação teórica traz autoras/es como: Schwartz (2012); Freire (1994; 2011); Soares (2004; 2009 2020); Moraes; Brito (2010) e Gadotti (2005). Analisamos também documentos oficiais da educação brasileira, como a Constituição Federal de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei 9.394/1996. A pesquisa possui uma abordagem qualitativa, e estudo de campo, com observações participantes, questionários com a professora e entrevista semiestruturada com as/os estudantes da turma 2º/3º ciclo da EJAI. Os resultados indicam que o processo de alfabetização é desafiador. As atividades desenvolvidas pela docente requerem metodologias mais atrativas, que evidenciem as histórias de vida das/os estudantes. As dificuldades enfrentadas pelas estudantes na leitura e escrita, ficaram claras em seus relatos. A pesquisa indica a necessidade de treinamento contínuo e materiais educativos que reflitam as experiências desse grupo. Um projeto de leitura com foco na escrita também é necessário.

Palavras-chave: Alfabetização. EJAI. Estudo de caso. Codó/MA.

ABSTRACT

This study seeks to understand the literacy process of young people, adults, and the elderly in a municipal school in Codó, Maranhão. Our objective is to analyze the reading and writing activities developed by the class teacher, identifying the reading and writing difficulties faced by the students. The theoretical basis consists of authors such as: Schwartz (2012); Freire (1994; 2011); Soares (2004; 2009; 2020); Moraes; Brito (2010); and Gadotti (2005). We also analyzed official Brazilian education documents, such as the 1988 Federal Constitution and the Law of Guidelines and Bases of National Education (LDB), Law 9,394/1996. The research has a qualitative approach and field study, with participant observations, questionnaires with the teacher, and semi-structured interviews with students in the 2nd/3rd cycle of EJA (Educational Youth and Youth). The results indicate that the literacy process is challenging. The activities developed by the teacher require more engaging methodologies that highlight the students' life stories. The difficulties students face in reading and writing were evident in their accounts. The research indicates the need for ongoing training and educational materials that can reflect the experiences of this group. A reading project with a focus on writing is also needed.

Keywords: Literacy. EJA. Case study. Codó, MA.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	10
3 O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE PESSOAS JOVENS, ADULTAS E IDOSAS.....	12
4 A EJA NO BRASIL.....	16
4.1 A EJA NO MARANHÃO.....	21
4.2 A EJAI EM CODÓ/MA.....	24
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	26
5.1 QUESTIONÁRIO COM A PROFESSORA.....	27
5.2 ENTREVISTAS COM ESTUDANTES DA EJAI.....	29
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS.....	39
APÊNDICE A.....	44
APÊNDICE B.....	45
APÊNDICE C.....	46

1 INTRODUÇÃO

A alfabetização é um fator crucial na vida de uma pessoa, seja ele/ela jovem, adulta ou idosa, em meio a uma sociedade, que requer o domínio e habilidade do código da leitura e escrita, pois o mundo está em constante transformação. Com isso, as pessoas denominadas analfabetas estão cada vez mais excluídas.

O processo de ensino-aprendizagem não deve se limitar à mera memorização mecânica, mas promover a capacidade de compreender as informações ao redor. Para isso, é essencial apresentar aos sujeitos novos tipos de textos e formas de escrita que dialoguem com sua realidade, despertando sua curiosidade e incentivando o desenvolvimento de um posicionamento crítico diante dos debates presentes na sociedade.

A sala de aula está repleta de saberes e vivências que cada um/uma carrega consigo. Por isso, são conhecimentos que o/a docente deve priorizar, articulando ao contexto social no qual estão inseridas, nada que possa fugir da realidade enfrentada por eles/elas.

A trajetória da Educação de Jovens e Adultos (EJA) enfrentou inúmeras dificuldades para se consolidar, devido a exclusão e direitos negados, passando a ser um direito concedido, a todos/as cidadãos/ãs partir de lutas e manifestações, efetivada pela Constituição Federal de 1988 e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei 9.394/1996. Fica nítido que essa modalidade é carente de políticas públicas voltada para o ensino, destinação de verbas e entre outros fatores que afetam a EJA.

Com isso, o interesse pela pesquisa surgiu a partir do componente curricular Fundamentos da Educação de Jovens, Adultos e idosos (EJAI), da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) Centro de Ciências de Codó/MA, e do estágio na EJAI, com diálogos realizados na sala de aula, sobre essa modalidade e o quanto se faz necessário alfabetizar pessoas jovens, adultas e idosas que estão privados/as de adentrarem/retornarem no contexto escolar, por algum motivo.

O presente trabalho tem como questão de pesquisa: como ocorre o processo de alfabetização de pessoas jovens adultas e idosas? E busca compreender como ocorre o processo de alfabetização de pessoas jovens adultas e idosas, contemplando os objetivos específicos de: analisar as atividades de leitura e escrita desenvolvidas pela docente da sala, e identificar quais são as dificuldades de leitura e escrita enfrentadas pelos/as estudantes.

A pesquisa desenvolvida trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa, bibliográfica com estudo de campo, que trouxe alguns importantes teóricos/as como: Freire (1994; 2005; 2011); Schwartz (2012); Soares (2004; 2009; 2020); Moraes; Brito (2010); e, Gadotti (2005).

Assim, a presente pesquisa está estruturada da seguinte forma: iniciamos com a introdução, na qual são apresentadas a temática abordada, a justificativa do estudo, os objetivos (geral e específicos). Na segunda seção, são descritos os procedimentos metodológicos utilizados, bem como a identificação do campo de estudo.

A terceira seção discute o conceito de alfabetização e, em seguida, o processo de alfabetização de jovens, adultos e idosos, destacando a importância de inserir as vivências e experiências dos/as estudantes no ambiente escolar, as quais devem ser valorizadas e aproveitadas pelo/a professor/a.

A quarta seção aborda o histórico da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil, com um recorte específico da EJAI no estado do Maranhão e, posteriormente, no município de Codó/MA. A quinta seção é dedicada à análise dos dados coletados em campo. Nela, são apresentados o questionário aplicado à professora, o perfil das estudantes entrevistadas, as atividades realizadas pelos/as estudantes, bem como a análise e discussão dos resultados obtidos. Por fim, a pesquisa é concluída com as considerações finais, que retomam os principais resultados e reflexões do estudo.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa, de modo que busca compreender como ocorre o processo de alfabetização de pessoas jovens, adultas e

idosas, trazendo investigação e reflexão sobre o assunto explanado. A pesquisa qualitativa vai além da realidade estabelecida, pois busca desvendar as realidades e contextos vivenciados pelas pessoas Bogdan; Biklen (1994,p.49).

Desse modo, foi necessário um estudo bibliográfico para entender melhor o contexto que está sendo abordado, pois a “pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (Gil, 2008, p. 50). Acessamos autores/as como Freire (1994; 2005; 2011); Schwartz (2012); Soares (2004; 2009 2020); Moraes; Brito (2010); e, Gadotti (2005).

Logo após, iniciou a pesquisa de campo mediante observação, e entrevistas com as/os participantes. Moresi (2003, p. 9) destaca que a “pesquisa de campo é investigação empírica realizada no local onde ocorre ou ocorreu um fenômeno ou que dispõe de elementos para explicá-lo. Pode incluir entrevistas, aplicação de questionários, testes e observação participante ou não”.

A seguir, foram elaborados os instrumentos utilizados, como o questionário aplicado com a professora, as entrevistas com as/os estudantes da EJAI e definido o local da pesquisa.

O estudo foi realizado em uma escola pública municipal, localizada na periferia da cidade de Codó/MA. Ela funciona nos turnos matutino, vespertino e noturno. As observações ocorreram na turma de 2º e 3º ciclo da EJAI, nos meses de março a junho de 2025.

Ao longo desse período, foram realizadas vinte visitas à escola, com anotações em diário de campo. Ao todo são 24 estudantes, mas somente 12 estão frequentando as aulas, no qual são 10 alunas e 2 alunos, e uma professora regente. Ela acrescentou ainda a informação de que vai nas residências dos/as estudantes para trazê-los/as, para o ambiente escolar.

Na Figura 1, observamos a fachada da escola onde foi realizada a pesquisa de campo.

Figura 1 – Fachada da Escola



Fonte: Pesquisa de campo (2025).

A Unidade Escolar Municipal José Domingues, disponibiliza uma estrutura boa, que recentemente passou por uma reforma. Composta por 10 salas de aula, todas com ventiladores. Algumas contêm mesas e carteiras; e outras somente carteiras; uma cozinha; tem dois bebedouros de água; uma sala de professores/as; sala da diretoria; 3 banheiros, dois

masculinos; um feminino; e outro para pessoa com deficiência (PCD) masculino. A escola disponibiliza os seguintes aparelhos eletrônicos: computador; impressora; televisão e caixa de som. A equipe administrativa EJAI é formada por uma gestora e vice - gestor (que também são os responsáveis pelos outros turnos), uma Coordenadora pedagógica; dois vigias; e uma zeladora.

Em virtude dos procedimentos de coleta de dados, realizado no local da pesquisa, se iniciará o momento crucial e importante que é averiguação dos fatos, Oliveira *et al* (2020, p. 2), discorre que

Os fundamentos teóricos da investigação, a metodologia, a técnica e os procedimentos para obtenção dos dados, as formas de tratamento da informação e a capacidade intelectual do pesquisador na elaboração/produção do trabalho científico, constituem os aspectos essenciais que contribuem para a realização de uma pesquisa de cunho qualitativo.

Para a obtenção e construção de dados utilizamos um questionário (documento que consta em anexo no final do trabalho) aplicado com a professora da sala e uma entrevista semiestruturada com as/os estudantes da turma. Sobre o questionário, Severino (2007, p. 125) elucida que é um “[...] conjunto de questões sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações escritas por parte dos sujeitos da pesquisa, com vistas a conhecer a opinião dos mesmos sobre o assunto em estudo”.

Batista *et al* (2017, p.2) apresenta “A entrevista como coleta de dados sobre um determinado fenômeno é a técnica mais utilizada no processo de trabalho de campo”. Desse modo, entendemos que a entrevista consiste numa interação entre duas ou mais pessoas.

Os resultados foram analisados qualitativamente e dispostos em forma de texto descritivo.

3 O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE PESSOAS JOVENS, ADULTAS E IDOSAS

A alfabetização é percebida de diferentes formas, desde a habilidade de leitura e escrita, como o uso do código socialmente. Vale ressaltar que esse processo não se restringe ao domínio mecânico, mas a consciência de usá-lo em um contexto em que a norma culta da

língua escrita exige uma compreensão das informações. Assim, podemos defini-la de acordo com Schwartz (2012, p. 24-25):

O conceito de alfabetização se refere à habilidade de ler e escrever, essas são ações que o sujeito desenvolve sobre a linguagem escrita. Ao escrever, primeiramente o autor se volta para o próprio pensamento, organizando-o mentalmente, sistematizando-o. Para concretizar a função da escrita o pensamento tem que sair, ir para fora do sujeito. Isto não significa que o pensamento sempre precede a escrita, enquanto escrevemos pensamos. Por isto, a escrita é muito mais do que a representação gráfica de um código.

Desse modo, compreendemos que o conceito de alfabetização é o domínio da técnica de leitura e escrita, devido aos contextos que as pessoas vivenciam, mas não podemos:

reduzir a alfabetização ao ensino puro da palavra, das sílabas ou das letras. Ensino em cujo processo o alfabetizador fosse “enchendo” com suas palavras as cabeças supostamente “vazias” dos alfabetizados. Pelo contrário, enquanto ato de conhecimento e ato criador, o processo de alfabetização tem, no alfabetizando, o seu sujeito (Freire, 1994, p. 19).

Freire (1994) explica como via alfabetização, não somente como um ato mecânico, mas também de conhecimento, e isso fez com que ele descobrisse outras formas de trabalhar a leitura e escrita. Ele não desejava que os/as estudantes utilizassem a famosa “decoreba”. Mas sim, uma consciência crítica de uma aprendizagem significativa sobre o que se estudava e era compreendido. De acordo com Soares (2020, p. 27), a concepção de alfabetização pode ser apresentada como:

Alfabetização – Processo da “tecnologia da escrita”, isto é, do conjunto de técnicas, procedimentos e habilidades- necessárias para a prática da leitura e da escrita: domínio do sistema de representação que é a escrita alfabética e das normas ortográficas; habilidades motoras de uso de instrumentos de escrita (lápis, caneta, borracha...) aquisição de modos de escrever ou para ler, seguindo convenções da escrita, tais como: a direção correta da escrita na página (de cima para baixo, da esquerda para a direita); a organização espacial do texto na página; a manipulação correta e adequada dos suportes em que se escreve e nos quais se lê – livro, revista, jornal, papel etc.

Podemos observar que para Soares (2000), a alfabetização é o conjunto de técnicas que os/as estudantes se apropriam para desenvolver o domínio do sistema alfabético, fazendo o uso da ortografia. A alfabetização, assim, é o processo de leitura e escrita, no qual o/a

estudante, se apropria do código da língua, ou seja, juntando as sílabas, formando palavras, lendo e interpretando pequenas frases e textos, para que, assim possa compreender melhor as informações que estão no seu cotidiano. Além da alfabetização, há outro processo chamado de letramento.

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento (Soares, 2004, p. 14).

Assim, alfabetização e letramento são dois pontos cruciais, para que as pessoas aprendam a ler e escrever e se tornem alfabetizadas, e ao mesmo tempo letradas. É necessário reforçar, que ambos sejam trabalhados em conjunto, mesmo tendo suas especificidades. Sousa (2018, p. 22) coloca que “letramento é um termo que surgiu no meio dos 1980 entre os estudiosos da Língua Portuguesa e linguística e deriva do termo inglês *literacy*, traduzido comumente como alfabetização”.

Contudo, Soares (2009, p. 17) atualiza o conceito de letramento quando entende que: [...] é então, o resultado da ação de ensinar ou aprender a ler e escrever: o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais (Soares, 2009, p. 17). Disto isso, não basta somente manusear a técnica de leitura e escrita, mas ter a percepção sobre o contexto, grupo social, ou individual, interpretando as informações de acordo com as exigências da sociedade. Por isso, uma pessoa alfabetizada não necessariamente é letrada/o, (Soares, 2009).

Na visão de Freire (1994, p. 41), a alfabetização de pessoas adultas é um “[...] ato político e ato de conhecimento, comprometida como processo de aprendizagem da escrita e da leitura da palavra, simultaneamente com a ‘leitura’ e a ‘reescrita’ da realidade”. As pessoas da educação de jovens, adultos e idosos, ao adentrarem no mundo da leitura e escrita, estão buscando como propósito serem alfabetizadas, conquistando direitos, autonomia, e participação social. Morais (2010, p.1) destacam que:

A aquisição da leitura e da escrita implica, portanto, uma questão de cidadania, ao tempo que se revela como uma forma de inclusão social, ao possibilitar-nos a capacidade criadora e o posicionamento crítico do mundo no qual estamos inseridos. Desse modo, o domínio da língua oral e escrita amplia nossos horizontes,

proporcionando-nos, sobretudo, o acesso à informação e à produção do conhecimento.

Através da leitura e escrita, as aprendizagens são potencializadas na vida da pessoa, tornando visível o quanto é necessário se apropriar do código da língua, seja ela escrita, ou oral. Para isso, é importante ter posicionamento crítico, pois os/as estudantes possuem muitos saberes, cultura, religião, entre outras aprendizagens, que deveriam ser acessadas pelos/as educadores/as, e incorporados aos métodos de ensino.

Nesse sentido, é fundamental que o/a professor/a adquira a confiança dos/as estudantes e as/os motivem no processo de ensino e aprendizagem. É necessário, ainda, a utilização de uma linguagem que possa ser entendida no contexto vivenciado por eles/elas (Gadotti, 2005). É necessário que os/as educadores/as façam uma espécie de mapeamento sobre a vida dessas pessoas, e, assim, estabeleçam uma relação de confiança e compromisso, em prol de uma educação que resgate o interesse para com o ambiente escolar

A alfabetização de pessoas jovens, adultas e idosas, é uma modalidade bastante desafiadora, quando se trata de uma “educação popular” (Freire, 2005). o ser humano é constituído por suas histórias, culturas, religiões, ao chegar em um ambiente totalmente diferente do que está acostumado, sente-se desafiado a aprender e compartilhar novos conhecimentos tão importantes quanto os que já carrega.

Isso acontecerá naturalmente, mediante, a valorização das “[...] questões culturais, que podem ser potencializadas na abertura de espaços de diálogo, troca, aproximação, resultando interessantes aproximações entre jovens e adultos (Andrade, 2004, p. 3), articulando esses saberes, por meio da leitura de pequenos textos, e escrita, fazendo o uso de palavras simples, na qual se usa no seu dia-dia.

Para Colavitto;Martins (2014, p.10) “Um rigoroso estudo e planejamento sobre essas ‘palavras geradoras’ de Paulo Freire, eram feitos para que, através delas, pudessem ser desenvolvidas atividades de alfabetização, em sílabas e, quando necessário, em vogais”. Freire (2011, p. 31), por sua vez, ressalta: “[...] pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os da classe populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária”.

4 A EJA NO BRASIL

No Brasil a Educação de jovens e adultos (EJA) teve início por meio dos jesuítas, com uma ação missionária para os povos indígenas e as crianças, no sentido de disseminar a fé católica. Com a vinda da família imperial para o Brasil, a educação de pessoas adultas sofreu um golpe, pois os jesuítas foram expulsos, deixando uma enorme lacuna, (Sousa, 2018).

Os jesuítas desenvolviam suas práticas unindo ensino e catequese, porém de forma diferenciada, pois os indígenas recebiam a catequese nas aldeias, enquanto a elite recebia os ensinamentos nos colégios religiosos, De Almeida (2014, p.6).

Por volta de 1824, foi concebida a primeira constituição brasileira, que assegurava o direito dos/as cidadãos/ãs à educação primária e gratuita. Mesmo assim, não se teve uma repercussão desejada, pois eram beneficiadas somente as pessoas de classe alta. Os povos indígenas, africanos, afro-brasileiros e a maioria das mulheres eram excluídos/as (Haddad; Di Pierro, 2000).

Em 1870, iniciaram as escolas no período noturno, com o intuito de alfabetizar, os/as adultos/as trabalhadores/as que não dominavam a leitura e a escrita, considerados/as, portanto, como analfabetos/as. O ensino nessa época era voltado para a zona urbana. As pessoas consideradas analfabetas eram tratadas como ignorantes, incapazes.

Isso foi reforçado com a aprovação da Lei Saraiva de 1822, e a Constituição de 1891, que vetou a maior parte da população analfabeta de exercer o direito de votar (Souza, 2007). Entendemos que desde o início, a EJA era vista pela sociedade como uma modalidade fracassada. EJA e seus estudantes eram vistos como uma classe empobrecida, sem condições humanas, sem potencial, autonomia, sendo humilhadas/os e excluídas/os.

Em meados do século XX, com a expansão da indústria, do comércio e o aumento da população nos centros urbanos, o público da EJA passou a ter atenção, devido a intenção de capacitá-los para o mercado de trabalho (Sartori, 2011).

Na Constituição de 1934, pela primeira vez, a EJA se tornou um direito destinado a todas as pessoas, dever da família e do Estado. Com isso, o ensino primário seria de forma integral e com gratuidade, de frequência obrigatória e extensiva aos adultos. Desse modo, tornou-se um marco importante na luta para adquirir os direitos, considerados inexistentes para essas pessoas.

Outro marco importante desta Constituição, foi o Artigo 150, que estabelecia a criação de um Plano Nacional de Educação (PNE). Aprovado em 1962, ele previa a criação de “programas visando alfabetizar 10 milhões de jovens e adultos em cinco anos”; a “oferta a educação de jovens e adultos equivalentes às quatro séries iniciais do ensino fundamental para 50% da população com 15 anos ou mais”; e “assegurar que as escolas públicas mantenham programas de alfabetização, em local caracterizada pelo analfabetismo”, transcritas nas Metas 1, 2 e 4, como podemos observar:

1. Estabelecer, a partir da aprovação do PNE, programas visando a alfabetizar 10 milhões de jovens e adultos, em cinco anos e, até o final da década, erradicar o analfabetismo. **
2. Assegurar, em cinco anos, a oferta de educação de jovens e adultos equivalente às quatro séries iniciais do ensino fundamental para 50% da população de 15 anos e mais que não tenha atingido este nível de escolaridade. **
4. Estabelecer programa nacional, para assegurar que as escolas públicas de ensino fundamental e médio localizadas em áreas caracterizadas por analfabetismo e baixa escolaridade ofereçam programas de alfabetização e de ensino e exames para jovens e adultos, de acordo com as diretrizes curriculares nacionais** (Brasil, 1962, p. 51).

O PNE (Brasil, 1962) visava atingir metas sobre um maior número possível de pessoas alfabetizadas num período de até cinco anos, assegurando às pessoas o acesso à modalidade de ensino EJA.

Segundo Gadotti (2005) a história da EJA pode ser compreendida em três períodos. O primeiro corresponde aos anos de 1946 a 1958. Momento em que se iniciam as ações de alfabetização de caráter nacional com a finalidade de mitigar o analfabetismo. O segundo vai de 1958 a 1964, assinalado a partir do 2º Congresso Nacional de Educação de Adultos, como um programa duradouro, no sentido de combater o analfabetismo, tendo em vista a criação do Plano Nacional de Alfabetização de Adultos, sendo conduzido por Freire é interrompido pelo golpe militar. O terceiro já no comando militar criou a “Cruzada do ABC” (Ação Básica Cristã) e o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) (Gadotti, 2005).

Desse modo, foram surgindo novas políticas educacionais, como o Fundo Nacional de Ensino Primária (1942). Em 1947, foi criado o Serviço de Educação de Adultos (SEA). Outras ações foram desenvolvidas, como: a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA, em 1947); Campanha Nacional de Educação Rural (1952), e a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (1958). Portanto, o principal objetivo era a

expansão da EJA, com as devidas orientações e coordenação de Planos Anuais, fornecendo a estruturação para os estados e municípios (Brasil, 2002.).

Por volta de 1963, Paulo Freire, juntamente com outros/as professores/as, realizaram um grande marco na EJA, no qual foram alfabetizadas/os, aproximadamente, trezentos trabalhadores/as do campo da cidade de Angico (RN) em quarenta e cinco dias. Com isso, Freire se destacou por suas estratégias e métodos de alfabetização.

O golpe de Estado que ocorreu em 1964, pôs fim às propostas de Paulo Freire, destinadas à EJA em âmbito nacional, sendo desarticuladas. Por volta de 1967, foi criado o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL). De acordo com Aranha (1996), o MOBRAL, tinha um método completamente oposto ao de Freire, descartando os saberes das/os estudantes. O intuito do MOBRAL era formar mão de obra qualificada.

Alguns programas criados na época, como o MOBRAL para alfabetizar pessoas jovens e adultas, recebiam o patrocínio de empresas privadas, em que o governo apenas fazia uma parceria ou concessão, para que as empresas pudessem absorver as pessoas alfabetizadas, como sua mão de obra. Aqui está um pequeno texto em formato de notícia, sobre o Mobral, como absorvemos essa notícia.

AJUDE O MOBRAL

Como segundas Intenções.

Todo analfabeto é pobre consome pouco compra pouco.

Jamais um analfabeto será um bom cliente da sua empresa.

Você, como empresário, já deve ter percebido onde vamos chegar:

Ajude o Mobral para ajudar a sua empresa.

Pelos seus lucros futuros. Ajudar o Mobral

traz outras compensações.

Pessoalmente, você tem a oportunidade

de conviver com os líderes da sua cidade.

A começar pelo prefeito, profissionais liberais

Comerciantes, industriais. E isso é importante

Para você e para o seu negócio.

Ajudando o Mobral você reforça a

Imagem da sua empresa de maneira mais prática,

Direta e simpática do que mil coquetéis ou notinhas

De viagem à Europa.

Fim das contas, como você depende

Do progresso do país para crescer,

Quem sai ganhando é você mesmo.

Fonte: Jornal Opinião (1974).

Esse anúncio reforça como a população não alfabetizada, era rotulada pelo governo que estava no poder, como ignorante, que só serviam para mão de obra. Há uma certa

ambição por ambas as partes, do governo para adquirir a contribuição das empresas e para os/as empresários/as que teriam reconhecimento perante as autoridades. Com mão de obra barata, possivelmente o dinheiro iria circular, como apresenta o anúncio.

O MOBREAL influenciou a implementação do ensino supletivo, no sistema de ensino regular através da Lei Nº 5.692/72,

O parecer número 699/72 destaca quatro funções do então ensino supletivo: a suplência, ou seja, a substituição compensatória do ensino regular pelo supletivo via cursos e exames com direito à certificação de ensino de 1º grau para maiores de 18 anos, e de ensino de 2º grau para maiores de 21 anos; o suprimento ou complementação da escolarização inacabada por meio de cursos de aperfeiçoamento e de atualização; a aprendizagem; e a qualificação. Tais funções não se desenvolviam de forma integrada com os então denominados ensinos de 1º e 2º graus regulares (Brasil, 2002, p. 16).

Esse tipo de ensino poderia ser prestado à distância, por cartas ou presencial, para aqueles/as que não tiveram acesso à vida escolar; que não haviam concluído a escolarização básica; ou às pessoas que desejavam entrar no mercado de trabalho. Di Pierro (2005), demonstra que o ensino supletivo adotou os preceitos técnicos de aprendizagem, apoiando-se na disseminação dos centros de educação supletivos e telecursos.

Nesse cenário, a EJA era vista com suplência e o analfabetismo como uma “doença de chagas” que se expandia na sociedade. O ensino supletivo era ofertado, na maior parte das vezes, durante a noite, justamente por conta da flexibilidade dos/as adultos/as trabalhadores/as. A carga horária era limitada, em relação ao ensino de crianças (Gustsack; Viegas; Barcelos, 2007).

Na década de 1985, o MOBREAL foi extinto. Com o fim da ditadura militar, foi substituído pela Fundação Educar, com o objetivo de impulsionar os programas voltados àqueles que por algum motivo ficaram sem acesso à escola. Sem recursos financeiros, a Fundação Educar não progrediu. Com isso, ela foi extinta em 1990, sendo deixado um enorme vazio nas políticas públicas para EJA. Com a sua exclusão, o comprometimento para com a EJA foi entregue aos municípios (Friedric *et al.*, 2010)

Com a Conferência Mundial de Alfabetização, realizada na Tailândia, em (1990) as discussões sobre a EJA ampliaram-se. Influenciado pela conferência internacional, o Governo Federal Brasileiro elaborou o programa Nacional de Alfabetização e Cidadania (PNAC), no qual o objetivo visava diminuir o número de analfabetos/as em 70% em todo o país em um

período de apenas cinco anos. Em razão da ausência de verbas, o programa não teve êxito, sendo eliminado em menos de dois anos (Veiga; Moraes, 2017).

Percebemos repetidamente a vulnerabilidade de ações voltadas para EJAI, deixada em segundo plano na destinação das verbas. Com a inexistência de recursos financeiros para resolver essa questão, criaram-se programas e ações, que não davam prioridade à EJA, reforçando a ausência de políticas educacionais permanentes nessa área.

Segundo Paiva (2019), não podemos tratar a EJA, como processo de inclusão, mas sim, como uma educação de adultos que ganhou visibilidade, tornando-se um direito atribuído a todos/as os/as cidadãos/ãs, de acordo com a Constituição Federal (Brasil, 1988), não como política assistencialista, sendo ofertada durante a noite, de acordo com as necessidades dos/as educandos/as, contemplados/as com material didático, transporte, alimentação e assistência à saúde.

Com a lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/96, a EJA passou a ser reconhecida como uma modalidade da Educação Básica “destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria” (Brasil, 1996, p.30). A lei modificou, ainda, a idade mínima de 18 para 15 anos para ingressantes do Ensino Fundamental, e de 21 para 18 anos, para o Ensino Médio e para a execução de exames supletivos.

De acordo com o parecer CNE/CEB Nº 11/2000, as políticas mais claras para a EJA passam a reconhecer a dívida pública em relação a esse grupo, levando em conta as suas especificidades. Nesse sentido, Almeida; Corso (2015), destacam que no governo de Luís Inácio Lula da Silva, entre os anos de 2003 a 2010, foram desenvolvidos alguns programas de Alfabetização de pessoas jovens e adultas, dentre eles, temos: Programa Brasil Alfabetizado (PBA); Programa Nacional de Inclusão de Jovens (PROJOVEM); Programa de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Adultos, (PROEJA); Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA); Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA).

O PBA, criado em 08 de setembro de 2003, pelo Ministério da Educação (MEC), foi instituído pelo Decreto nº 4.834, e tinha o objetivo de alfabetizar pessoas com 15 anos ou mais. Esse programa era destinado aos municípios com altos índices de analfabetismo.

O PROJOVEM, instituído pela Lei nº 11.129, de 30 de junho de 2005, é destinado ao público de 18 a 24 anos. Para participar, é necessário ter 4ª a (quarta) série/ano. Tinha a

finalidade da reinserção desses/as jovens e adultos/as, no mercado de trabalho através de cursos ofertados. Nesses cursos, os/as beneficiados/as eram agraciados/as com uma bolsa de R\$100,00 (cem reais), por um período de 12 meses, e deveriam estar efetivamente matriculados/as no respectivo curso.

O PROEJA, criado em 2005, se configurava em dois cursos, formação inicial I, continuada de trabalhadores/as II - educação profissional técnica de nível médio, ou seja, nele era incluído o Ensino Fundamental e Médio. O objetivo desse programa era a integração de pessoas jovens e adultas à educação profissional e tecnológica sendo articulado com Rede Federal, de modo que os cursos técnicos oferecidos a quem frequentava essa modalidade de ensino.

O PRONERA foi gerado a partir das demandas que surgiram na zona rural, ou seja, levar a educação de Jovens e Adultos as comunidades que não tinham acesso. O objetivo desse programa era oferecer Educação Básica entre diferentes níveis, do Fundamental à Pós-graduação, vinculando parcerias entre instituições públicas e privadas. É destinado às pessoas do campo, como quilombolas, trabalhadores/as, respeitando suas especificidades.

O ENCCEJA, foi criado em 2002, como um exame no qual o objetivo é avaliar o conhecimento e a habilidade dos/as educandos/as que não tiveram a oportunidade de concluir o Ensino Fundamental e Médio.

4.1 A EJA NO MARANHÃO

A trajetória da EJA no Maranhão teve início na década de 1950, com a Campanha de Adolescentes e Adultos (CAA), através do Ensino Supletivo voltado para os jovens e adultos, com professoras/es remunerados e voluntários no turno noturno, Santos (2012).

Em 1960, foi realizado no Maranhão o curso de alfabetização de adultos, assistido pelo Movimento de Educação de Bases (MEB), tornando-se o primeiro Programa de Educação de Jovens e Adultos do estado do Maranhão (Santos, 2012). Segundo Santos *apud* Maranhão (2012, p. 50),

A Campanha Nacional de Educação de Adultos se extinguiu com o funcionamento da LDB nº 4.024/61. O governo do Estado do Maranhão promulga a Lei Delegada 16/69 que criou a Divisão de Educação de Adolescentes e Adultos (DEAA), um órgão técnico-administrativo em apoio à EJA do Maranhão. Na década de 1970, foi criado o Departamento de Ensino Supletivo (DESU), exercendo em níveis federal e estadual a administração da EJA, no Maranhão [...] em 1973, o Estado do Maranhão,

através do Conselho Estadual de Educação, torna oficial o Ensino Supletivo com a Lei Nº 15/73. Que estabeleceu normas gerais para o Ensino Supletivo no Sistema de Ensino do Maranhão.

Observamos que a história da EJA no Maranhão, é marcada por alguns trâmites legais, para que se tornasse uma modalidade de ensino, e não mais só um programa. Durante essa trajetória a EJA atravessou diversas modificações e vários programas que buscavam atender as demandas das pessoas adultas, para estarem no ambiente escolar.

Santos *apud* Maranhão (2012) apresenta diversos momentos marcantes para a promoção da EJA no Estado, destacando os principais resultados obtidos com os trâmites legais e administrativos da época. Dessa forma, o autor exhibe um recorte, de 1995 até 1998, no qual o Ensino Supletivo se efetiva no Estado por meio de vários programas/projetos, como o Telecurso 2000, para o Ensino Fundamental.

O curso médio era ofertado em Imperatriz/MA e Timon/MA; e o Projeto Leio e Escrevo, uma proposta em Itapecuru-Mirim/MA. Vale salientar que em 2012, poucos programas encaminhados atuaram, configurando um período escasso de intervenção por parte da Secretaria Estadual de Educação (SEDUC) na criação de políticas públicas direcionadas ao público da EJA.

Em 11 de junho de 2014, foi aprovado a Lei de Nº 10.099/2014, que tratava do Plano Estadual de Educação do Estado do Maranhão (PEE/MA) com a finalidade de “garantir o acesso, permanência e qualidade da educação maranhense numa articulação direta com os instrumentos de planejamento e financiamento da educação” (Maranhão, 2014, p.03) cujo propósito era melhorar a educação maranhense. Em razão do que foi explanado, o documento expõe que,

No Brasil, quando tratamos da oferta de educação básica, os dados apontam para desafios de grande vultuosidade, principalmente no que se refere ao atendimento educacional com qualidade a que submetemos nossas crianças, jovens e adultos. Por condicionantes diversos, as regiões norte e nordeste concentram os piores indicadores educacionais do país, estando o Maranhão nesse contexto conflitante, concentrando déficits educacionais que precisam ser devidamente enfrentados para elevação da qualidade educacional (Maranhão, 2014, p.03).

O PEE/MA possui 22 (vinte e duas) metas e estratégias, cuja finalidade é transformar a realidade da educação maranhense. Esse Plano inclui todas as modalidades de ensino da Educação Básica. Para realização deste estudo, realizamos um recorte das metas e estratégias da EJA, conforme segue:

META 10: Elevar a taxa de alfabetização da população com 15 anos ou mais para 93,1% até 2015 e, até o final da vigência deste PEE, erradicar o analfabetismo absoluto e reduzir em 50% a taxa de analfabetismo funcional.

ESTRATÉGIAS:

10.1. Assegurar a oferta gratuita da Educação de Jovens, Adultos e Idosos como direito humano, a todos os que não tiveram acesso à Educação Básica na idade própria, inclusive àqueles que estão em situação de privação de liberdade e adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas de privação e restrição de liberdade, bem como de medida cautelar. [...]

10.5. Criar condições para a implantação de turmas da EJA no diurno, visando à inclusão e o atendimento das necessidades dos jovens, adultos e idosos, inclusive das pessoas privadas de liberdade e adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas de privação e restrição de liberdade, bem como de medida cautelar.

[...] 10.14. Instituir currículos adequados às especificidades dos educandos da EJAI, incluindo temas que valorizem os ciclos/fases da vida e promover a inserção no mundo do trabalho e participação social.

META 11: Oferecer, no mínimo, 25% das matrículas de Educação de Jovens, Adultos e Idosos na forma integrada à Educação Profissional, nos Ensino Fundamental e Médio. **ESTRATÉGIAS:**

11.1. Expandir as matrículas na Educação de Jovens, Adultos e Idosos garantindo a oferta pública de Ensino Fundamental e Médio integrado à formação profissional de modo a articular a formação inicial e continuada de trabalhadores com a educação profissional, objetivando a elevação do nível de escolaridade do trabalhador e da trabalhadora assegurando condições de permanência e conclusão de estudos [...]

11.4. Garantir o acesso e permanência a estudantes da EJAI no Ensino Fundamental e Médio com isonomia de condições às outras modalidades de educação básica, com possibilidade de acesso à universidade pública e gratuita [...]

11.8. Promover a integração da EJAI com políticas de saúde, trabalho, meio ambiente, cultura, lazer e esporte, entre outros na perspectiva da formação integral dos cidadãos (Maranhão, 2014).

As Metas 10 e 11 buscam diminuir os altos índices de analfabetismo e garantir a oferta gratuita da EJAI, de modo que todos/as tenham a oportunidade de ingressar no meio educacional. Ambas contribuem para estender o número de matrículas atribuídas ao público da EJAI, de forma a garantir formação continuada para os/as estudantes e trabalhadores/as que tenham a intenção de chegar até o Ensino Superior.

Com a atuação do Conselho Estadual de Educação do Maranhão (CEE/MA), estabelecido pela Resolução Nº 144/2006 que determina diretrizes para a modalidade da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI), dentro do Sistema Educacional Maranhense. A lei mencionada proporciona instruções detalhadas em seus respectivos textos que auxiliam com orientações, para efetivação de práticas no meio educacional, possibilitando criar espaços de inclusão e acolhimento para o público da EJAI.

Recentemente, o Programa do Fantástico exibido aos domingos pela Rede Globo, realizou uma matéria em janeiro de 2024, sobre uma fraude milionária, no esquema de matrículas na Educação de Jovens, Adultos (EJA), e de escolas em tempos integrais,

descobertas pelo Tribunal de Contas do Maranhão (TCM). A reportagem apresenta cidades maranhenses, como São Bernardo, que, no ano de 2023, teve estudantes matriculados/as na EJA, mas falecidos/as.

A cidade de Turiaçu/MA, localizada na região Amazônica, recebeu em torno de R\$ 12 de milhões de reais, no qual a prefeitura informa ter um grande número de escolas em tempos integrais. A cidade possui cerca de 7.500 estudantes em 63 escolas. A matéria revelou o depoimento de duas jovens e uma professora, mas que uma delas estuda no 7º ano, no turno vespertino, das 13h às 17h. Já outra jovem relata ter 15 anos e parou de estudar com 9 anos, pois não havia vagas para ela. Ela confirmou não saber ler e nem escrever. A professora afirmou não haver escolas em tempo integral no município.

O Presidente do Tribunal de Contas do Maranhão (TCM) destaca que, “Infelizmente nós podemos estar diante de uma fraude bilionária. Deveriam ser investidos na educação no nosso estado. Nós estamos talvez diante de uma fraude de algo em torno de R\$1 bi a R\$2 bilhões reais”. O TCM investiga mais de 115 municípios maranhenses que possam estar vinculados à fraude na EJA e em escolas em tempo integral. As prefeituras passarão por uma auditoria, podendo ir a julgamento e ter a reprovação das contas, aplicação de multas, devolução de dinheiro aos cofres públicos e inelegibilidade dos/as prefeitos/as.

4.2 A EJAI EM CODÓ/MA

A EJAI começou a ser executada em 2001, no município de Codó/MA, primeiramente contemplando 500 estudantes, do 1º ciclo (1ª e 2ª ano). Com isso, a modalidade de ensino foi crescendo. No município, a aprovação do Parecer Nº 001/2017, do Conselho Municipal de Educação (CME), de 31 de maio de 2017, incluiu as pessoas idosas na modalidade, acrescentando o “I” ao EJA, passando a ser chamada Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI). Isso só se tornou possível, por causa da aprovação da Lei de Nº 10.099, de 11 de junho de 2014, de acordo com o Plano Estadual de Educação, que assim considera a pessoa idosa com direito à educação.

No PME, as Metas 08, 09 e 10 são destinadas à EJAI, como estratégias que se configuram de maneira mais ampla, conforme segue:

META 08: Elevar a escolaridade média da população a partir de 18 anos, de modo a alcançar no mínimo, dez anos de estudos até o último ano de vigência deste PME,

para quilombolas, ribeirinhas, população do campo, comunidades tradicionais da região de menor escolaridade no país e dos 25% (vinte e cinco por cento) mais pobres, e igualar a escolaridade média entre negros e não negros declarados à Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE, com vistas à redução da desigualdade social. Estratégias: [...]

8.2 – Implementar programas de educação de jovens, adultos e idosos para os segmentos populacionais considerados, que estejam fora da escola e com defasagem idade série, associados a outras estratégias que garantam a continuidade da escolarização, após a alfabetização inicial; [...]

8.4 – Promover, em parceria com as áreas de saúde e assistência social, o acompanhamento e monitoramento de acesso à escola específica para os segmentos populacionais considerados, identificando motivos de ausência e baixa frequência, estabelecendo em regime de colaboração a garantia de frequência e apoio à aprendizagem, de maneira a estimular a ampliação do atendimento desses estudantes na rede pública regular de ensino.

META 09: Elevar a taxa de alfabetização da população com 15 (quinze) anos ou mais para 93,5% (noventa e três inteiros e cinco décimos por cento) até 2018 e, até o final da vigência deste PME, erradicar o analfabetismo absoluto e reduzir em 50% (cinquenta por cento) a taxa de analfabetismo funcional em nosso Município. Estratégias: [...]

9.3 – Implementar ações de alfabetização de jovens, adultos e idosos com garantia de continuidade da escolarização básica; [...]

9.7 – Assegurar a oferta de educação de jovens, adultos e idosos, nas etapas de ensino fundamental, às pessoas privadas de liberdade nos estabelecimentos penais, assegurando-se formação específica dos professores e implementação de diretrizes nacionais em regime de colaboração; [...]

9.10 – Assegurar a permanência do Núcleo de Alfabetização e Acesso à Educação de Jovens, Adultos e Idosos, visando à redução do analfabetismo no município para garantir o acompanhamento e monitoramentos das turmas de EJA

META 10: Oferecer no mínimo, 25% (vinte e cinco por cento) das matrículas de educação de jovens e adultos, no Ensino Fundamental, na forma integrada à educação profissional. Estratégias: [...]

10.6 – Implementar mecanismo de reconhecimentos de saberes dos jovens, adultos trabalhadores, a serem considerados na articulação curricular dos cursos de formação inicial e continuada e dos cursos técnicos; [...]

10.9 – Garantir a promoção e integração da EJA com políticas de saúde, trabalho, meio ambiente, cultura, lazer e esporte, entre outros na perspectiva da formação integral dos cidadãos (Codó, 2015).

As metas visam elevar os índices de alfabetização, incluir a população menos favorecida, como as quilombolas/ribeirinhas, as pessoas que vivem no campo; oferecer programas de alfabetização que se tornem permanentes, reduzindo o analfabetismo; cursos técnicos, formação continuada para os/as professores/as que atuem com público da EJA, respeitando e valorizando os saberes que já carregam, sendo inseridos ao currículo escolar, mantendo uma articulação de ações voltadas para a saúde, trabalho, ambiente, cultura, esporte e lazer.

É necessário destacar, ainda, alguns programas destinados ao público da EJA em Codó/MA, como o EJA Ativo, que tem o objetivo de oportunizar as práticas de atividades físicas, esporte e lazer; implementação da EJA/PPL (Unidade Prisional de Ressocialização),

com o aval das leis que disponibilizam uma educação voltada para pessoas aprisionadas, e também Educação do Idoso na ILPI (Instituição de Longa Permanência para Idosos) - São Pio, onde são trabalhadas pinturas, músicas, a coordenação motora, fina e grossa; o Programa EJA START, objetivando “práticas de atividades físicas e treinos funcionais para professores, supervisores e gestores da modalidade” (Codó, 2015).

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Durante a estadia na escola, pude perceber o quanto os/as estudantes e a professora tinham uma relação de afetividade. Isso se torna bastante importante no processo de ensino e aprendizagem, criando um laço de confiança entre as partes.

A professora da sala relatou que praticava algumas leituras e escritas dos nomes dos/as estudantes, gêneros textuais, que conectam com a sua realidade, identificando letras e sílabas. Em seguida, colocava as/os estudantes para circular as palavras no quadro, realizando leituras em conjunto com os/as colegas, demonstrando o que elas/es tinham entendido. Tinham acesso também a pequenos textos colados nos cadernos, para praticarem a leitura em casa com as/os suas/os familiares.

A sua prática pedagógica estava em sintonia com a de Paulo Freire, pelo uso da “palavra geradora”. Ao lecionar matemática, ela levava para a sala de aula, cartelas com números e disponibiliza para todos/as estudantes, para localizar de acordo com que estava na cartela, onde a professora iria sorteando os números. “Saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (Freire, 2011, p.47). Trabalhava também a leitura e escrita de elementos presentes no cotidiano das/os estudantes.

Os estudantes relataram, quais são suas dificuldades, para com as sílabas, formação de palavras, a matemática, o quanto a leitura e escrita são importante, no meio social, para sua autonomia, as dificuldades que enfrenta no dia-a-dia, por não ter o domínio da leitura e escrita.

5.1 QUESTIONÁRIO COM A PROFESSORA

Nesta fase do estudo, será apresentado as respostas e os resultados do questionário realizado com a professora, enviado mediante o aplicativo de *Whatsapp*, em formato de documento *word*, contendo ao todo dez perguntas, para que fosse respondida pela docente. Depois de algumas semanas, ela enviou as questões respondidas.

Primeiramente, buscamos a identificação da professora, que chamaremos de Maria, pois se trata de um nome fictício, na qual a sua identidade verdadeira será mantida em total sigilo. Com isso, a professora possui, quarenta e seis anos e é natural da cidade de Codó/MA. A sua formação inicial consiste em Licenciatura em Pedagogia, com atuação de cinco anos na Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI).

Imbernón (2000) destaca que a formação de professores/as deve torná-los/las provedores/as de conhecimento, e com habilidades para desenvolver pensamentos de reflexão e de investigação, para que depois, tenham a capacidade de refletir não somente sobre a sua prática, como também interpretar vários contextos que se refere a educação.

Ao indagarmos sobre como é feito o levantamento dos conhecimentos prévios dos/as estudantes da EJAI, a professora Maria respondeu da seguinte forma,

Através dos momentos de roda de conversa; ouvindo suas experiências de vida e seus conhecimentos prévios; aplicação de atividades diagnósticas para conhecer o nível da turma; Planejar atividade e estratégias que atendam às necessidades de cada aluno (Professora Maria, 2025).

Gadotti (2005, p.32) ressalta que os/as educadores/as precisam respeitar as condições culturais do adulto, jovem analfabeto, realizando “o diagnóstico histórico-cultural” para que assim possa estabelecer o “saber técnico” e “popular”. Colavitto;Martins (2014), nesse sentido, relatam sobre esse procedimento empreendido por Freire que, indicava para começar o processo de alfabetização, daqueles/as estudantes era necessário investigar, através de diálogo, para que fossem extraídas as informações necessárias.

Sobre o questionamento “qual era a percepção que ela tinha relacionada à alfabetização?”, a professora Maria explanou que, “A alfabetização é um processo que contribui para a formação do indivíduo seu acesso à informação e participação das práticas sociais com autonomia” (Professora Maria, 2025).

Para Oliveira;Silva (2019, p.191) a alfabetização é o acesso para uma educação crítica e emancipadora, que se configura em um processo inicial dos/as estudantes, desse modo promovendo a construção dos saberes e sua comunicação.

Ao perguntar sobre “qual a sua metodologia, para ajudar no processo de alfabetização na EJAI?”, a professora discorreu o seguinte: “Envolver os alunos em atividades que promovam a interação ativa tais como; Atividades em grupos ou duplas, dinâmicas, jogos educativos” (Professora Maria, 2025). Assim, compreendemos que as “metodologias são grandes diretrizes que orientam os processos de ensino e aprendizagem e que se concretizam em estratégias, abordagens e técnicas concretas, específicas, diferenciadas” (Moran, 2017, p. 24).

Sobre o questionamento “quais as dificuldades de leitura e escrita, percebida por ela para com os/as estudantes da EJAI?”, a professora relatou que,

Primeiramente a falta de oportunidade educacional na juventude, o abandono prolongado por razões de necessidades financeiras, torna mais desafiador o retorno aos estudos. A falta de autoestima e confiança relacionado ao fracasso escolar anterior muitas vezes gera insegurança e medo de errar. Neste sentido o espaço escolar deve ser acolhedor e estimulante para superação dessas dificuldades (Professora Maria, 2025).

Pela resposta dada, compreendemos que as especificidades enfrentadas pelo/a estudante, na sua grande maioria, está atrelada às condições financeiras, trajetória escolar marcada por interrupções, com isso gera a exclusão no meio escolar e social, Costa; Amorim (2020, p.2).

Ao questionar “quais são as principais atividades de leitura e escrita desenvolvidas por você, que contribui positivamente para os/as estudantes da EJAI?”, a professora Maria explanou,

Trabalhar o nome dos alunos, não somente escrever o próprio nome, identificar letras e sílabas, mas trabalhar a identidade e história do nome. Atividades são conectadas ao cotidiano, como ler placas, avisos e bilhetes, explorar as riquezas dos gêneros textuais que circulam socialmente trazendo significado e interesse no aprendizado. Dinâmicas em grupos, jogos educativos e roda de conversa são ferramentas importantes para estimular a participação e interação entre alunos, incentivando os alunos a compartilharem suas histórias e experiências, promovendo um ambiente de troca e aprendizado coletivo. Desenvolvam habilidade de leitura, escrita e matemática através de atividades lúdicas e divertidas, para que desenvolvam habilidade necessária à vida cotidiana (Professora Maria, 2025).

Para Freire (2005), as/os educadoras/es não devem pensar apenas os procedimentos didáticos e os conteúdos a serem ensinados aos grupos populares, mas precisam estar relacionados com a vida cotidiana das/os estudantes.

5.2 ENTREVISTAS COM ESTUDANTES DA EJAI

Inicialmente, foi necessário deslocar-se até escola e solicitar à gestora autorização para a realização da pesquisa atrelada ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), no âmbito da modalidade de Educação de Jovens, Adultas e Idosas (EJAI), após obter a solicitação, a gestora autorizou a realização da pesquisa.

Em seguida, foi ajustado que a apresentação da pesquisadora aconteceria no retorno às aulas, no decorrer do acolhimento pedagógico, momento esse, no qual facilitou explicar o objetivo da pesquisa aos professores/as e os/as estudantes da EJAI.

Posteriormente, na sala destinada às observações, efetuou-se a apresentação formal, salientando-se o vínculo institucional com a Universidade Federal do Maranhão (UFMA) Centro de Ciências de Codó-MA. Essa apresentação teve como objetivo acompanhar os sujeitos no seu processo de alfabetização. Logo após o primeiro contato, houve um diálogo explicativo a respeito da pesquisa, e em seguida, foi realizado o convite a participação voluntária dos/as estudantes, portanto ficou acertado a participação das estudante que integrariam o estudo.

Em virtude disso, realizamos uma entrevista com os estudantes da EJAI, com perguntas semiestruturadas. As entrevistas foram realizadas por intermédio de gravação de áudio. No início, fomos para uma sala. As entrevistas ocorreram individualmente, sendo entrevistadas 4 estudantes do sexo feminino, cuja idade varia de 43 e 74 anos. Foram realizadas sete perguntas. Ao finalizar, fui para casa e salvei no *google drive*, para que depois fosse transcrita para o documento.

Por motivos de ética não serão revelados os nomes das participantes, que serão identificadas somente por nomes fictícios, como Luíza, Bianca, Fátima e Joana. A seguir serão apresentadas as estudantes no Quadro 1.

Quadro 1 – Identificação das estudantes

Estudantes	Idade	Naturalidade	Profissão
Luíza	43	Codó/MA	Lavadora
Bianca	46	Codó/MA	Lavadora
Fátima	63	Pirapemas/MA	Lavadora
Joana	74	Codó/MA	Dona de casa

Fonte: pesquisa de campo (2025).

Os perfis das estudantes que frequentam a EJAI é, em sua maioria, composta por trabalhadoras, donas de casa e lavadoras.

São pessoas que residiram no campo, como é o caso das estudantes Luíza e Bianca. Luíza, relatou que sabe produzir¹ carvão e extrair² o azeite do coco babaçu, enquanto Joana, mencionou que já quebrou muito coco babaçu, é até mesmo cortou cana-de-açúcar³.

Durante as observações na sala de aula e entrevistas realizadas, podemos perceber que as participantes da pesquisa reconheciam as letras do alfabeto e escreviam o seu nome completo. No Quadro 2, dispomos os depoimentos das participantes.

Quadro 2 - Quando você começou a frequentar as aulas, já sabia escrever seu nome completo, e já reconhecia todas as letras do alfabeto?

Estudantes	Depoimentos
Luíza	Já, escrevi o meu nome, conheço todas as letras do alfabeto, só que estudei e parei com 10 anos, concluiu só o 1º (série) ano do ensino fundamental, nunca esqueci o alfabeto nem o meu nome, sempre sei assinar meu nome, não sei assinar os dos outros.
Bianca	Já escrevia o meu nome completo e reconhecia as letras do alfabeto.
Fátima	Já, eu fazia meu nome, mas só olhando para o documento, é porque eu esquecia as letras, conheço já as letras do alfabeto.
Joana	Já conseguia fazer meu nome, e conhecia já as letras do alfabeto.

Fonte: Pesquisa de Campo (2025).

Percebemos que as estudantes, ao chegarem na sala de aula, já dominavam a escrita do seu próprio nome e reconheciam as letras do alfabeto, no qual se torna um dos fatores importantes no processo de alfabetização. Luíza, mesmo tendo estudado somente até o

¹ O carvão pode ser produzido tanto do coco babaçu, como também da sua casca, e de pedaços de madeira cortados. É escavado um buraco no chão, para poder queimá-los e assim se tornarem carvão, para ser utilizado para cozinhar as comidas.

² O azeite é extraído do coco babaçu, que serve para colocar na comida.

³ Cana-de-açúcar é um plantio que se extrai um líquido doce, usado na fabricação de açúcar, álcool, combustível e aguardente.

primário, não se esqueceu do que ela tinha aprendido antes, que era a assinatura do seu nome completo e as letras do alfabeto.

Bianca e Joana informaram que já sabiam escrever os seus nomes de identificação, e fazer o reconhecimento das letras do sistema alfabético, fatores de grande valia. Em outro momento da aula, relataram que já tinham estado antes em espaços escolares.

Contudo, Fátima relata que já conseguia escrever seu nome, olhando para o documento, pois ela esquecia de algumas letras, ou seja, ela não possuía o domínio completo da escrita do próprio nome. Dos Santos; Casagrande (2019, p.20) compreende que os/as estudantes têm o objetivo de aprender a ler e escrever o próprio nome, se tornando mágico quando isso acontece, fazendo uso das letras, para a formação de palavras.

Quando perguntamos “Quais as motivações das estudantes, que as levaram a querer aprender a ler e escrever?”, elas relataram:

Quadro 3 – O que motivou você a querer aprender a ler e escrever?

Estudantes	Depoimentos
Luíza	Porque, como eu não estudei, tem coisas que não sei, assim como conversa, resolver alguma coisa, tem coisas que não entendo, conversa explicando, as vezes me engasgo quando vou falar alguma palavra, aí é por isso quis estudar novamente.
Bianca	É porque é muito ruim, a gente chega nos lugares e fica perguntando as coisas para os outros.
Fátima	É por conta da dificuldade de fazer meu nome mesmo, já sabia fazer, mas só esquecia as letras.
Joana	É porque eu queria aprender mais a ler, aumentar ainda mais as coisas que já sei.

Fonte: Pesquisa de campo (2025).

Luíza e Bianca, deixam bem claro suas motivações, que vão desde a como se expressar melhor oralmente, a resolver assuntos do seu cotidiano, procurando conquistar a sua própria autonomia, através dos estudos. Fátima exemplifica que foi por questões de dificuldade na assinatura do seu próprio nome, um dos fatores que as/os educandas/os voltam ao ambiente escolar, para adquirir a sua identificação através da escrita de seu próprio nome. Joana narra que já possui alguns conhecimentos, mas que ainda não é o suficiente, e que por isso quer ter o domínio da leitura.

As/Os estudantes da modalidade de ensino retornam para o ambiente escolar, para satisfazer necessidades particulares, buscando sua integração na sociedade, mesmo sendo sujeito de direitos não consegue participar efetivamente, por não ter o domínio da leitura e escrita.

No decorrer das observações e participação nas atividades em sala de aula, foi possível identificar algumas dificuldades de leitura e escrita. Bianca, juntamente com outra colega no momento da aula já tinha relatado, que possuía dificuldades em juntar as sílabas para junção de palavras. Com isso, indagamos sobre suas especificidades, relacionadas à leitura e escrita: se era em juntar as sílabas, para formação de palavras e se já conseguiam escrever palavras sem ajuda da professora. Essas foram as respostas:

Quadro 4 - Quais são suas dificuldades relacionadas à leitura e escrita (São as sílabas para juntar e formar palavras e na escrita você consegue escrever qualquer palavra sem ajuda da professora?).

Estudantes	Depoimentos
Luíza	Tem algumas palavras que são mais fáceis, mas o que acho mais difícil é a matemática é o que eu mais tenho vontade de aprender, depende da palavra se tiver três ou quatro sílabas consigo, mas se tiver cinco já me atrapalho.
Bianca	Sim, tenho dificuldade em juntar sílabas para formar as palavras, sobre a escrita muitas vezes consigo escrever palavras sozinha e outras não.
Fátima	Sim, tenho dificuldades de juntar as sílabas, não consigo escrever sem ajuda da professora.
Joana	Tenho dificuldade em juntar as sílabas é também tenho dificuldades por conta da minha visão, sim consigo escrever algumas palavras, sem ajuda da professora.

Fonte: Pesquisa de campo (2025).

Luíza explana que possui algumas palavras que são mais fáceis do que outras. Ela considera a matemática difícil, e o que mais tem vontade de aprender. Diz ainda, que consegue realizar a leitura de palavras, que contém até três a quatro sílabas. Quando passa disso, se atrapalha. Até consegue escrever com letras cursivas e bastão (caixa-alta), mas não tem o domínio completamente.

Bianca ressalta que possui dificuldades nas sílabas para juntar e formar palavras. Tem palavras que consegue escrever sozinha, sem ajuda da professora, outras não. Foi possível constatar que ela apresenta ter mais facilidade com as letras bastão (caixa-alta) do que com as letras cursivas, mas não tem o domínio completamente de ambas.

Fátima narra ter dificuldades na leitura das sílabas para a formação de palavras. Afirma que ainda não consegue realizar a escrita de palavras com domínio próprio, mas ainda necessita da ajuda da professora. Em outro momento, foi possível notar que Fátima não domina completamente a escrita de letras cursivas, tem mais facilidades com as letras bastão (caixa-alta). Não tem o domínio completamente de ambas.

Joana discorre ter dificuldades na junção de sílabas para a formação de palavras, e que possui dificuldades na sua visão. Revela que até consegue escrever algumas palavras, sem

ajuda da professora. Foi possível perceber, que na escrita tem mais facilidade com letras bastão (caixa-alta), tem momentos que Joana mistura letras cursivas com letras bastão.

Elas conseguem realizar a leitura de algumas palavras curtas em sílabas, mas todas as estudantes conseguem escrever do quadro. Os estudantes, não conseguem ainda, realizar a leitura das perguntas das atividades realizadas em sala de aulas, sendo necessário que a professora explique o que se pede em cada questão da atividade ou texto trabalhado.

Todos os estudantes possuem, ainda, dificuldades em matemática. Elas conseguem realizar algumas operações de adição mentalmente, mas quando se trata de armar as operações, se torna algo bastante complicado para elas compreenderem. Com isso, a professora está trabalhando nessa questão.

Por isso, foi necessário trazer esse questionamento, pois durante uma atividade de matemática realizada em sala, Bianca necessitou de ajuda para realizar algumas operações de subtração, pedindo para que a professora armasse a conta e em seguida resolvesse.

Compreendemos pelas respostas das estudantes, que quase todas elas conseguem entender melhor as atividades vinculadas ao seu cotidiano, por isso se faz necessário trabalhar essa ideia no ambiente escolar. Piconez (2002, p.87) diz o seguinte, “[...] o professor pode mediar aprendizagens significativas, isto é, existe a possibilidade de intervenção pedagógica baseada nos conhecimentos prévios dos alunos”.

Não somente na sala de aula, mas também no convívio social, as pessoas têm dificuldades por não ter o domínio da leitura e nem da escrita. No Quadro 5, transcrevemos os relatos das dificuldades enfrentadas no cotidiano das participantes, por não terem o domínio da leitura e escrita:

Quadro 5 - Você já passou por dificuldades no seu dia a dia, por não saber ler e nem escrever?

Estudantes	Depoimentos
Luíza	Sim bastante, até hoje, muitas sim, quando vou fazer um exame que ela (doutora da clínica ou do hospital) me diz uma palavra e eu não entendo, aí é obrigado eu saí, porque tenho minhas irmãs que são estudadas, aí eu vou lá e procuro elas para me explicarem, para mim poder fazer um exame, ou qualquer coisa, é porque tem palavras que não entendo.
Bianca	Muitas sim, e porque assim quando você chega num lugar, que você não sabe lê, tem que ficar perguntando, se souber ler, não vai perguntar para outras pessoas.
Fátima	Demais, mas não conseguiu relatar algo.
Joana	Já, só a gente ir para um comércio é não saber o preço das coisas.

Fonte: Pesquisa de campo (2025).

Luíza discorre que quando vai realizar exame, a médica (clínica ou hospital) diz uma palavra, e ela não entende, é necessário ir até suas irmãs para poder lhe explicar melhor, pois suas irmãs possuem conhecimentos mais elevados. Bianca relata que simplesmente ao chegar em lugares, é necessário ficar perguntando para outras pessoas. Se tivesse a habilidade da leitura e escrita, não iria depender de alguém para isso. Já a Fátima narra que demais, mas não conseguiu relatar nenhuma situação específica.

Joana disse que já. Para ela, ir ao comércio e não saber o preço das coisas é muito difícil. É notório, em sua narrativa, que isso acontece com várias outras pessoas também. Essa necessidade de realizar a leitura de preços dos produtos alimentícios, é posta por ela no seu cotidiano como uma das coisas mais difíceis. Colavitto;Martins (2014, p.16) ressalta, pois no nosso dia-a-dia e no meio social, que estamos inseridos, exige práticas sociais, como realizar compras em um comércio, pegar ônibus, entre outros fatores.

Essas são situações que algumas das estudantes, passam por não ter o domínio da leitura e escrita. São pessoas que se sentem envergonhadas, com baixa autoestima, por não possuírem a sua própria autonomia. Através dos estudos, elas esperam alcançar e reivindicar seus direitos, buscando participação na sociedade, inclusão. Por isso a importância da leitura e escrita, de acordo com a opinião das estudantes:

Quadro 6 – Na sua opinião, por que é importante aprender a ler e escrever?

Estudantes	Depoimentos
Luíza	É bastante importante, é porque eu não me interessei, porque assim é tão bom quando a pessoa estuda e tem seu serviço próprio, assim mesmo com os meus meninos se eu fosse estudada, eu não iria precisar de alguma pessoa para me ajudar, hoje em dia um me ajuda aqui é outro ali, porque não tenho marido, a pessoa que é estudada não tem precisão, porque assim teria seu serviço próprio
Bianca	Para mim é importante, porque a gente chega num lugar, não vai perguntar para ninguém, se chega uma mensagem, a gente ler sem ninguém ficar sabendo
Fátima	É porque quando a gente precisa ler alguma coisa, é preciso chamar uma pessoa para lê, porque a gente não sabe
Joana	É para isso aí que eu quero, é chegar em um lugar, é saber ler e entender o que está escrito

Fonte: Pesquisa de campo (2025).

No depoimento de Luíza, observamos que no início, ela não se interessou pelos estudos, e destaca a importância dos estudos na vida das pessoas, que vai desde ter um emprego bom, para ter sua própria estabilidade junto com seus/suas filhos/as, já que não possuem um companheiro, para que possa lhe ajudar, necessitando de ajuda de outras pessoas.

Nesse sentido, Colavitto;Martins (2014, p.24) afirma que “para que a pessoa possa ter autonomia, independência e tornar-se um cidadão crítico, é necessário que estude, pois tanto em casa, na rua, no trabalho, nos espaços de lazer, nas práticas sociais”.

A importância da leitura e escrita, para Bianca, é saber chegar em lugares e não ficar perguntando para outras pessoas. É ser capaz de realizar a leitura de mensagens de modo que outra pessoa não tenha acesso, ou seja, obter sua própria autonomia. Para Fátima, a importância de dominar a leitura e escrita, é não ficar precisando de outra pessoa para realizar leituras, frisando também a importância de ter a sua autonomia. Para Joana, se torna importante saber chegar em lugares e possuir a habilidade de realizar leituras e entender o que está escrito em qualquer lugar.

Ao notar que alguns estudantes são mães, avós, e levam seus filhos e netos, para a sala de aula, tornou-se necessário perguntar se há alguma familiar, que ajuda na realização de leitura e na escrita em casa. As respostas foram as seguintes:

Quadro 7 - Na sua casa, quando você precisa realizar leituras ou escrever algo, tem algum familiar que lhe ajuda?

Estudantes	Depoimentos
Luíza	Tem, minha sobrinha
Bianca	Tem, minhas duas filhas
Fátima	Quando tem me ajuda, quando não tem, fico esperando
Joana	Meu neto

Fonte: Pesquisa de campo (2025).

Refletimos o quanto filhas/os, netos/as, sobrinhas/os se fazem presentes nesse processo de aprendizagem das pessoas adultas e idosas, principalmente no seu ambiente familiar. Esta é uma responsabilidade que o estado, a escola e as famílias assumem coletivamente, de modo que cada um desses conjuntos mencionados faça a sua parte. Rodrigues (2016, p.11) enfatiza que “A família, além de ser algo natural e biológico, é a instituição base da sociedade e o ambiente inicial e contínuo de socialização, transmissão de valores, significados, crenças, ideias e da história”, formando uma rede de apoio fundamental para que essas pessoas prossigam em sua formação.

Vale ressaltar que o processo de alfabetização para com essas pessoas, não se deve necessariamente se configurar em somente decodificar e codificar letras e símbolos, mas sim em introduzi-los/las em diversos contexto, da leitura e escrita. Diante disso, se faz necessário que o/a educador/a tenha praxe pedagógica, de desenvolver e apresentar novos contextos que

contemplem as necessidades dos/as estudantes, como os tipos de textos, como as parlendas, as placas das ruas, onde moram, as revistas, cartas e convites de aniversário, desenvolvendo a escrita.

Sobre as atividades realizadas pela professora, observamos ainda que ela trabalha os nomes de pessoas, nomes de frutas e nomes de animais de acordo com as letras do alfabeto, separação de sílabas, bingo de números, gênero textuais, como cordel, parlenda, versos, letras cursivas e bastão (caixa-alta). A professora explica contextualizando a sua fala com a realidade dos/as estudantes e atividades impressas.

Na conjuntura das atividades desenvolvidas pela docente na sala de aula, defendemos metodologias mais atrativas, focando principalmente nas histórias de vida desses/as estudantes, realizando momentos de leituras, de modo que possam folhear o livro. Sugerimos, assim, trabalhar de forma lúdica, produzindo instrumentos, seja com garrafa pet, ou com outros materiais que possam emitir o som de cada letra. Com isso, eles ficariam responsáveis por uma letra e um instrumento, produzindo o som e ao mesmo tempo, repetindo oralmente, para que depois praticassem a escrita e a consciência fonológica. Na definição feita por Moojen (2003, p. 11)

A consciência fonológica envolve o reconhecimento pelo indivíduo de que as palavras são formadas por diferentes sons que podem ser manipulados, abrangendo não só a capacidade de reflexão (constatar e comparar), mas também a de operação com fonemas, sílabas, rimas e aliterações (contar, segmentar, unir, adicionar, suprimir, substituir, transpor).

Para Moojen (2003), a consciência fonológica está direcionada para que o sujeito possa reconhecer que as palavras são formadas por diferentes sons, e que podem ser modificados. Contudo, há a necessidade de disponibilização de materiais pedagógicos, formações continuadas, enfatizando o pensamento crítico, respeitando as especificidades desses sujeitos.

Uma estratégia importante adotada pela escola é a de quase todos os dias, as/os estudantes preenchem seu nome completo em um pedaço de papel, para que em seguida, fosse depositado em uma caixa, que seria realizado um sorteio no final do semestre.

É importante desenvolver nas escolas, projetos de leituras focando na escrita, principalmente na modalidade da EJAI, podendo-se trabalhar vários gêneros textuais, como cordel, versos, músicas, poemas, para que faça sentido para as/os estudantes, transpondo a leitura e escrita de forma mecânica e promovendo a inclusão e participação no meio escolar e social.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da pesquisa, foi possível compreender que o processo de alfabetização, não consiste em somente ter a habilidade de decodificar e codificar letras e símbolos, mas trabalhar com vários gêneros textuais, como, parlenda, cordel, verso e escrita, para tornar uma pessoa alfabetizada e ao mesmo tempo letrada, a fim que manuseie, conscientemente, os códigos no meio social.

Sobre as dificuldades de leitura e escrita que as estudantes estão atravessando, constatamos que estas consistem em juntar as sílabas para a formação de palavras, utilizando letras cursivas e bastão (caixa-alta); elas não têm o domínio completamente; e, apresentam dificuldades com a matemática.

Essas dificuldades relatadas pelas educandas, são vestígios que carregam por não ter tido antes, uma formação na Educação Básica, que por algum motivo se ausentaram dos espaços escolares. Dessa forma, buscam através da leitura e escrita, a sua autonomia, condições melhores de trabalho e participação social.

Ao perguntar para a docente sobre as dificuldades de leitura e escrita enfrentadas pelas/os estudantes da EJAI, não necessariamente ela especificou o contexto que as estudantes da sala atravessam, mas pontuou de forma geral que essas dificuldades, estão atreladas a falta de oportunidades educacionais na juventude, o abono prolongado em razão das necessidades financeiras e falta de autoestima.

Por isso, é necessário que os/as educadores/as estejam atentos/as à realidade dos/as educandos/as, para que possa trabalhar autoestima, a confiança, as histórias de vida que eles/elas carregam, mostrando para eles/as que são os/as protagonistas das suas histórias e culturas.

Sabemos que o currículo da EJAI ainda precisa ser efetivamente construído nos âmbitos nacional, estadual e, posteriormente municipal, de modo a dialogar com o contexto e à realidade vivida por esse público. É necessário, ainda, refletir sobre melhores condições de trabalho para os/as professores/as, bem como sobre políticas públicas educacionais que contemplem as dificuldades enfrentadas por essas pessoas, promovendo melhorias em aspectos fundamentais como saúde, moradia, emprego e alimentação.

Assim, esta pesquisa buscou contribuir tanto para a formação profissional quanto pessoal, oferecendo subsídios para que outras pessoas possam compreender melhor os

desafios enfrentados pelos/as estudantes da EJAI. A partir disso, torna-se possível desenvolver metodologias mais atrativas e lúdicas, que respeitem as vivências e experiências desse público.

Dessa forma, o município poderá investir em formações continuadas para os/as professores/as da EJAI, destinar recursos pedagógicos adequados e criar estratégias que favoreçam a permanência dos/as estudantes na escola. Além disso, é fundamental buscar ativamente os/as alunos/as que ainda não frequentam as aulas, a fim de compreender os motivos de sua ausência e buscar soluções para incluí-los/las no processo educativo.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996.**

ANDRADE, E. R. Os jovens da EJA e a EJA dos jovens. In: OLIVEIRA, I. B.de; PAIVA, J. (Org.). **Educação de jovens e adultos**. Rio de Janeiro: DP & A, 2004.

ALMEIDA, A.; CORSO, Â. M. **A Educação de Jovens e Adultos: Aspectos Históricos E Sociais**. In: EDUCERE - VII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Paraná, 2015.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer nº 11/2000. Brasília, 2000.

BRASIL. Constituição (1988). **CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL**. Brasília, DF: Senado Federal. 1998.

BRASIL. Constituição (1934). **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil**, de 16 de julho de 1934. Rio de Janeiro, 1934.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Plano Nacional de Educação Brasília, DF: MEC, 1962.COSTA, Elisabete; ALVARES, Sonia Carbonelli; BARRETO, Vera. Boneca.2004. P11.

BRASIL. LDB: **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: Lei nº 9.394/96. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudo e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP. Exame Nacional para certificação de competência de Jovens e Adultos (Encceja). Disponível em: [Encceja — Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira | Inep](#). Acesso em 25/04/2025.

BRASIL, Lei nº 11.129, de 30 de junho de 2005. Institui o Programa Nacional de Inclusão de Jovens – Projovem – CNJ e a Secretaria Nacional de Juventude; altera as leis nº s 10.638, de 28 de maio de 2003, e 10.429, de 24 de abril de 2002, e dá outras providências. Diário oficial da união: seção 1, Brasília, DF, 1 jul.2005 disponível em:<[Lei nº 11.129.](#)> Acesso em 22/04/2025.

BRASIL. Decreto nº 5.478, de 24 de junho de 2005. Institui, no âmbito das instituições federais de educação tecnológica, o Programa de Integração da Educação Profissional ao ensino médio na modalidade de educação de jovens e adultos – PROEJA. Diário oficial da

união: seção 1, Brasília, DF, 27 jun. 2005. Disponível em: <[Decreto nº 5478](#)> acesso em 23/04/2025.

BRASIL. Decreto nº 4834, de 08 de setembro de 2003. Dispõe sobre o Programa Brasil Alfabetizado. Portal da câmara dos deputados, Brasília, 2003. Disponível em [Portal da Câmara dos Deputados](#). Acesso em 24/04/2025.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronea). Disponível em :[Educação — Incra](#). acesso em 24/04/2025

BATISTA, Eraldo Carlos; *et al.* A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, v. 11, n. 3, p. 23-38, 2017.

COSTA, Danielle Sobral Porto; AMORIM, Antonio. Desafios e perspectivas dos alunos da EJA na escola contemporânea. **Cadernos de Educação Básica**, v. 5, n. 3, p. 25-44, 2020.

COLAVITTO, Nathalia Bedran. MARTINS, Aparecida Luvizotto Medina Arruda, Educação de Jovens e Adultos (eja): A Importância da Alfabetização. V. 5, n. 1, 2014. p.1-28. Disponível em ([Microsoft Word - Nath\341lia](#)) acesso em 20/03/2025.

CODÓ (Maranhão). **Lei nº 1.727 de 23 de junho de 2015**. Aprova o Plano Municipal de Educação (PME) e dá outras providências. Codó: Prefeitura Municipal de Codó, 2015. Disponível em: <https://tinyurl.com/3y5tnfp2>. Acesso em: 25/04/2025.

DI PIERRO, Maria Clara, Notas sobre a redefinição da identidade das políticas públicas de Educação de Jovens e Adultos no Brasil. **Educ.Soc.** Campinas, vol.26, n.92, p.1115-1139, Especial-out.2005.

DE BARROS OLIVEIRA, Naiara Ferreira; DA SILVA, Diego. A importância da alfabetização e do letramento. **Faculdade Sant'Ana em Revista**, v. 3, n. 2, p. 190-203, 2019.

DE ALMEIDA, Wilson Ricardo Antoniassi. A educação jesuítica no Brasil e o seu legado para a educação da atualidade. **Grifos**, v. 23, n. 36/37, p. 117-126, 2014.

DOS SANTOS HILARIO, Micleiton; CASAGRANDE, Samira. O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DOS ALUNOS DA EJA: UM OLHAR ATENTO ÀS DIFERENÇAS. **Revista Saberes Pedagógicos**, v. 3, n. 3, p. 188-210, 2019.

Entrevista com a professora Jane Paiva, organizadora de Aprendizados ao longo da vida. Blog Do Eduerj, Rio de Janeiro, 1 de julho de 2019. Disponível em <[Entrevista com professora Jane Paiva, organizadora de Aprendizado ao longo da vida | EdUERJ - Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro](#)> acesso em 16/08/2024.

ESCOLA, Brasil. O que é Enceja? Disponível em < [Enceja: o que é, datas, para que serve, inscrições](#)> acesso em 22/04/2025

FREIRE, Paulo. **EDUCAÇÃO DE ADULTOS: algumas reflexões**. In: Gadotti, Moacir, Romão, José E. (orgs.). **Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta**. 7 ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2005. p. 15.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia Autonomia: Saberes Necessários Educativa**. 43 Ed. São Paulo, Paz e Terra. 2011.p 31- 47.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 29. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997, p.30.

FANTÁSTICO. **Fraudes em matrículas no sistema EJA no Maranhão incluem até alunos que já morreram; veja como é o esquema milionário**. G1, 07 de janeiro de 2024. Disponível em: [Fraudes de matrículas no sistema EJA no Maranhão incluem até alunos que já morreram; veja como é o esquema milionário | Fantástico | G1](#). Acesso 13/05/2025.

FRIEDRICH, M. et al. **Trajetória da escolarização de jovens e adultos no Brasil: de plataformas de governo a propostas pedagógicas esvaziadas**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 18, n. 67, p. 389-410, abr./jun. 2010. Doi: 10.1590/S0104-40362010000200011.

GADOTTI, Moacir. **Educação de Jovens e Adultos: correntes e tendências**. In: GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. (Orgs.). **Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2005. p.32,35. (Guia da Escola Cidadã, v.5).

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUSTSACK, Felipe.; VIEGAS, Moacir Fernando.; BARCELOS, Valdo. **Educação de Jovens e Adultos: saberes e fazeres**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007. KASSOUF, Ana Lúcia. **O que conhecemos sobre o trabalho infantil?** Nova economia. vol.17 no.2 Belo Horizonte Mai/ago. 2007.

HADDAD, S.; DI PIERRO, M. C. **Escolarização de jovens e adultos**. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n. 14, p. 108-130, maio-ago. 2000. Doi: 10.1590/S0102-88392000000100005.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. São Paulo: Editora Cortez, 2000.

MARANHÃO. **Plano Estadual de Educação do Estado do Maranhão**. Lei nº 10. 099. São Luís- Maranhão, 2014.

MORESI, E. **Metodologia da pesquisa**. Brasília: Universidade Católica de Brasília, v. 108, n. 24, p. 9, 2003.

MORAN, J. Metodologias ativas e modelos híbridos na educação. In: YAEHASHI, S. et al. (orgs). **Novas tecnologias digitais: reflexões sobre mediação, aprendizagem e desenvolvimento**. Curitiba: CRV, 2017. p. 23-35.

MOOJEN, S e cols. **CONFIAS – Consciência fonológica: instrumento de avaliação sequencial**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

MORAIS, Georgyanna Andréa Silva. Alfabetizar letrando: desafios da prática pedagógica alfabetizadora. **Artigo de mestrado da Universidade Federal do Piauí, 2010**, p.1. Disponível em: [1 RESUMO](#). Acesso em 22/09/2024.

OLIVEIRA, Guilherme Saramago de et al. Grupo Focal: uma técnica de coleta de dados numa investigação qualitativa? **Cadernos da FUCAMP**, v. 19, n. 41, 2020.

OPINIÃO, Jornal. 1º de novembro de 1974, edição 104, p. 2. Disponível em: [:::\[DocPro \]:::](#). Acesso em: 08 de janeiro de 2025.

PICONEZ, Stela C. Bertholo. Educação escolar de jovens e adultos. 6. ed. Campinas, SP: Papirus, 2002.

RODRIGUES, Reginaldo da Luz, **Atribuições da educação familiar e escolar no desenvolvimento integral do educando**. Rio Negro-PR, 2016.p11.

SARTORI, A. Legislação, políticas públicas e concepções de educação de jovens e adultos. In: LAFIN, M. H. L. F. **Educação de jovens e adultos e educação na diversidade**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.

SANTOS, E. B. **A psicologia histórico-cultural como intercessão no desenvolvimento de alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Bairro Vila Maranhão de São Luís - Ma**. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade). Universidade Federal do Maranhão. São Luís, 2012. p. 145.

SANTOS, Domingos José dos. **O Perfil Do Estudante Da Eja No Brasil: Uma Revisão Bibliográfica Sobre Desafios, Necessidades E Perspectivas**. In: CONPEPE – II congresso nacional de pesquisas e práticas em educação, Teresina-PI. v.3 n.2.2025. p.4.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SCHWARTZ, Suzana. **Alfabetização de Jovens e Adultos: teoria e prática**. 2 ed. Petrópolis RJ: Vozes, 2012.

SOARES, Magda. Alfabetizar: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, [s.l.], n. 25, p.5-17, abr. 2004. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782004000100002>.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**.3. ed Belo Horizonte: autêntica Editora, 2009. P.40.

SOUZA, M. A. **Educação de jovens e adultos**. Curitiba: Ibpx, 2007.

SOUSA, Eveline Agostino de Lira. **ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E IDOSOS: UM ESTUDO EM ESCOLA MUNICIPAL DO RECIFE-PE**. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Pedagogia). Universidade Federal Rural de Pernambuco Departamento de Educação. Recife, 2018.p16.

TRINDADE, Acélio. **EJAI amplia suas ações e vive uma nova realidade no município de Codó**. Blog do Acélio, CODÓ, 10 de dezembro de 2018. Disponível em [EJAI amplia suas ações e vive uma nova realidade no município de Codó – Blog do Acélio](#) . acesso em 27 de fevereiro de 2025.

VALE. Maria Jose, **Escrita e Leitura na alfabetização de adultos: um enfoque socioconstrutivista**. In_____. **Educação de Jovens e Adultos: a Construção da leitura e da escrita**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2002.

VIEGAS, A. C. C.; MORAES, M. C. S. Um convite ao retorno: relevâncias no histórico da EJA no Brasil. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 12, n. 1, p.456-478, 2017. Doi: 10.21723/riaee. V12.n1.7927.

APÊNDICE A

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - CAMPUS CODÓ - MA

Curso de Licenciatura em Pedagogia

Tema: **ALFABETIZAÇÃO DE PESSOAS JOVENS, ADULTAS E IDOSAS: ESTUDO EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE CODÓ/MA**

Docente Orientadora: Dra. Kelly Almeida de Oliveira

Coorientação: Prof. Jhonatan Wendell Tavares Ferreira

Discente: Rosimar da Silva da Costa

Questionário – Professora

Nome:

Sexo:

Qual sua idade:

Naturalidade:

1 Qual sua formação acadêmica?

2 Há quanto tempo leciona como professora da EJAI.

3 Como é feito o levantamento sobre os conhecimentos prévios dos/as estudantes da EJAI?

4 Qual a sua concepção de Alfabetização?

5 Qual a metodologia, utilizada por você professor (a), para ajudar no processo de Alfabetização na EJAI?

6 Quais são as dificuldades de leitura e escrita percebidas por você professor (a), em relação os/as estudantes da EJAI?

7 Quais são as principais atividades desenvolvidas por você professor(a), que contribui positivamente na leitura e escrita dos/as estudantes da EJAI em sala de aula?

8 É importante trabalhar as vivências e experiências que os/às estudante já carregam?

9 Você possui dificuldades em alfabetizar o público da EJAI?

10 Você tem conhecimento sobre a proposta de alfabetização para Educação de Jovens e Adultos de Paulo Freire?

APÊNDICE B

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - CAMPUS CODÓ - MA

Curso de Licenciatura em Pedagogia

Tema: **ALFABETIZAÇÃO DE PESSOAS JOVENS, ADULTAS E IDOSAS: ESTUDO EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE CODÓ/MA**

Docente Orientadora: Dra. Kelly Almeida de Oliveira

Coorientação: Prof. Jhonatan Wendell Tavares Ferreira

Discente: Rosimar da Silva da Costa

Questionário – estudantes

Nome:

Sexo:

Qual sua idade:

Qual sua profissão:

Qual sua naturalidade:

1 Quando começou a frequentar as aulas, na Escola José Domingues, você já conseguia escrever seu nome completo? e já reconhecia todas as letras do alfabeto?

2 O que motivou você a querer aprender a ler e escrever?

3 Quais são suas dificuldades relacionadas à leitura e escrita? (São as sílabas para juntar e formar palavras, na escrita você consegue escrever qualquer palavra ou texto sem ajuda da professora).

4 Sobre as atividades realizadas em sala de aula, você consegue entender melhor relacionando com o seu dia - a - dia?

5 Você já passou por dificuldades, no seu dia - a - dia por não saber ler e nem escrever?

6 Na sua opinião, por que é importante aprender a ler e a escrever?

7 Na sua casa, quando você precisa realizar a leitura ou escrever algo tem algum familiar que lhe ajuda?

APÊNDICE C



**UNIVERSIDADE
FEDERAL DO
MARANHÃO**

**SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA ACADÊMICA -
CIENTÍFICA**

Prezado(a) Senhor(a), Aldemir Carneiro dos Santos

Solicitamos autorização para realização de uma pesquisa integrante do trabalho de conclusão de curso, modalidade monografia, da acadêmica **Rosimar Da Silva Da Costa**, sob orientação da Professora e Mestra/Doutora **Kelly Almeida de Oliveira** e Coorientação do Prof. **Jhonatan Wendell Tavares Ferreira**. Tendo como título preliminar **"ALFABETIZAÇÃO DE PESSOAS JOVENS, ADULTOS E IDOSOS: Um estudo na Unidade Escolar Municipal José Domingues Araújo na Cidade de Codó - MA"**.

O objetivo Geral da pesquisa é: **compreender como ocorre o processo de alfabetização de pessoas jovens, adultos e idosos**. Os objetivos específicos são: **analisar as atividades desenvolvidas de leitura e escrita pela docente da sala de aula, identificar quais são as dificuldades de leitura e escrita enfrentadas pelos alunos**.

A coleta de dados será feita por meio de observações em sala de aula, entrevistas estruturadas, havendo a participação de alunos e professoras da escola e turma observada.

Salientamos que todos os dados e informações necessárias para a pesquisa serão previamente submetidos à aprovação do responsável pela a empresa concedente.

A presente atividade é requisito para a conclusão do curso de **Pedagogia**, da **UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - CAMPUS CODÓ-MA**.

Asseguramos que o nome da escola não será revelado na publicação de informação, caso a empresa faça a opção pelo anonimato.

Agradeço a atenção e me coloco ao inteiro dispor para melhores esclarecimentos.

Codó - MA ____ de ____ 2025

Acadêmica

Aldemir
Aldemir Carneiro dos Santos
Matrícula: 00068
U. E. JOSÉ DOMINGUES ARAÚJO
Direção Administrativa

Docente Orientadora

Representante da escola concedente da pesquisa
Assinatura e carimbo

a universidade que a gente quer